

23 JAN 2003

SENADO

GAZETA MERCANTIL

Acordo prévio dá presidência a Sarney

Entendimento Temer-Sarney requer ainda concordância de Renan Calheiros e de Quércia

André Barrocal*
de Brasília

Como tanto queria o Palácio do Planalto, o senador José Sarney (PMDB-AP) será o próximo presidente do Congresso. O acordo que pavimentou sua ida para o cargo foi desenhado ontem por ele e pelo presidente do PMDB, Michel Temer, e recebeu o endosso de caciques do partido. Pelo acerto, serão canceladas uma convenção extraordinária do PMDB prevista para fevereiro e a intervenção da cúpula no diretório paulista. Incluí ainda a distribuição de lideranças do partido na Câmara e no Senado.

"A verdade é que há uma candidatura no Senado que vai se consolidando", disse o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA). Ele é adversário de Sarney no PMDB e pertence ao grupo do líder no Senado, Renan Calheiros (AL), que terá de abandonar a disputa contra o ex-presidente da República. "Não se fala mais em disputa", disse Temer.

O Palácio do Planalto conta com a vitória de Sarney pois precisa da influência que ele tem em várias siglas, sobretudo PFL e setores do PSDB. No comando do Congresso,

Sarney seria capaz de aglutinar apoio às reformas prometidas pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Seria para Lula o que Antônio Carlos Magalhães (PFL) foi para Fernando Henrique Cardoso.

Por isso, o novo governo jogou tão pesado para impedir o triunfo de Calheiros na semana passada, o que quase rachou o PMDB. Para evitar esse cisão e manter um relativo equilíbrio interno do PMDB, Sarney e Temer mantiveram contatos diretos e por meio de emissários desde o fim de semana. Na terça-feira, Sarney ligou para Temer e marcou conversa para ontem. Nela é que se esquadrinhou o acordo.

Nesse acerto, todas as alas do PMDB fazem "concessões dignificantes", na expressão de Temer. Geddel, por exemplo, inclinado a levar o partido a fazer oposição ao PT, deverá ser agraciado com a vice-presidência da Câmara, o terceiro cargo mais importante da mesa diretora da casa. Geddel já tem o



José Sarney

aval do PT, que chegará a Câmara com o deputado João Paulo Cunha (SP).

Calheiros seguiria na liderança do Senado, em vez de passá-la a Pedro Simon (RS), como gostariam os rebeldes. Já Temer se manteria na presidência do PMDB. Em contrapartida, Sarney seria

escolhido candidato no Senado e Temer desistiria de tomar o controle do PMDB de São Paulo das mãos do ex-governador Orestes Quércia que, por sua, vez deixaria de trabalhar para que os dissidentes assumam o comando nacional do partido.

No entanto, para que Sarney seja anunciado como candidato do PMDB à direção do Senado, o que deve ocorrer hoje, segundo Temer, falta a anuência de Calheiros e Quércia. Calheiros nega que haja um acordo para sua permanência na liderança. Diz que não precisa de ninguém para liderar a bancada e acha que essa vaga seria pouco para abdicar de concorrer contra Sarney.

O senador afirma que o acordo possível é ele substituir Temer na presidência do PMDB, enquanto Temer viraria líder do partido na Câmara.

Pelo acordo de Temer e Sarney, a liderança do PMDB na Câmara será do deputado Eunício Oliveira (CE). O cearense está alinhado com a atual direção do PMDB, que apoiou o PSDB. Ele também é genro de Paes de Andrade, ex-presidente do PMDB ligado à ala rebelde do partido, da qual fazem parte Sarney e Quércia.

O ex-governador de São Paulo é um entrave pois acha que chegou a hora de os rebeldes mandarem no PMDB para levar o partido a apoiar o presidente Lula como o comando atual apoiou Fernando Henrique Cardoso. A destituição da direção do PMDB ocorreria na convenção de fevereiro.

Para tentar convencer Quércia de que o combinado com Temer é a melhor saída para todos no PMDB, Sarney viajou ontem a São Paulo. Já Temer chamou Calheiros, Geddel e o presidente do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS), para uma conversa na casa de Tebet, a fim de fazer o mesmo.

*Colaborou Sérgio Prado